

## Conhecer, Pensar e Acreditar. Ortega y Gasset e o Problema do Conhecimento

### To Know, to Think and to Believe. Ortega y Gasset and the Problem of the Knowledge

**José Maurício de Carvalho\***

\* Psicólogo, Pedagogo, Doutor em Filosofia pela UGF/Rio com Pós-doutorado na UFRJ e na Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

#### Resumo

Neste artigo apresentamos a forma como Ortega y Gasset interpreta as duas grandes perspectivas filosóficas. Indicamos também a análise que o conhecido filósofo espanhol faz das razões da crise porque passou a ciência no século XX. Finalmente mostramos a diferença entre pensar e conhecer, iluminadas pela categoria da crença que Ortega habilmente situa na base do pensamento racional. Mostramos que essas idéias de Ortega contribuem no exame de problemas da teoria do conhecimento.

**Palavras-chave:** conhecimento; pensamento; perspectivas; ciência; crença.

#### Abstract

*In this article, we present the form as Ortega y Gasset interprets the two great philosophical perspectives. We also indicate the analysis that the known Spanish philosopher makes about the reasons of the crisis the twentieth century science went through. Finally, we show the difference between thinking and knowing, on the light of the category of belief that Ortega ingeniously puts the base of the rational thought. We show that Ortega's ideas contribute to the examine the problems of the theory of knowledge.*

**Key words:** knowledge; thought; perspectives; science; belief.

#### Considerações Iniciais

Algumas vezes identificamos conhecer e pensar, mas essa identificação não é exata e esconde muitos problemas. A filosofia, enquanto meditação sobre o significado do conhecimento, pode ajudar a estabelecer a distinção entre eles.

A própria atividade filosófica demanda essa diferenciação. É que o conhecimento está relacionado ao domínio do funcionamento do mundo, às ciências. As ciências modernas desenvolveram-se segundo um novo método, experimental, e revelaram diversos aspectos do mecanismo universal sem se preocupar em justificá-los. A justificação do conhecimento científico se tornou a principal preocupação dos filósofos modernos, que se dedicaram a clarear o problema da experiência e as razões de sua validade. Esse é um problema que ocupou os filósofos durante a Idade Moderna. O que Ortega y Gasset tem a dizer sobre ele?

Para Ortega, a ciência moderna concentra sua atenção num certo aspecto da realidade e ela pode assim proceder. O que é a realidade em si mesma ela

não considera, nem mesmo a filosofia o faz, pois nós herdamos a crença na realidade. O pensamento se dedica a examinar esse aspecto herdado, essa crença, que a ciência despreza. Em outras palavras, implica na investigação dos limites e possibilidades do Conhecimento. Essa é, no sentir de Ortega, a matéria da filosofia.

Diversa das outras formas de conhecimento, a filosofia não pode fugir de investigar as razões da validade do saber científico e propor, de modo radical, o papel do pensamento humano nesse processo. É justo por causa dessa especificidade que a filosofia foi tida, ao longo da história da cultura, como atividade indispensável. Desde a Antiga Grécia, o papel radical da filosofia foi reconhecido. No entanto, no sentir de Ortega, os filósofos gregos não conseguiram esclarecer bem o sentido dessa radicalidade, não conseguiram precisá-la adequadamente.

Nos tempos modernos, a questão foi melhor considerada. John Locke (1632-1704)<sup>1</sup> abriu o caminho para uma abordagem mais adequada do problema ao estabelecer a subordinação do conhecimento à vida. Ele propôs a existência como tarefa a ser realizada e o

<sup>1</sup> John Locke, médico e filósofo inglês, nasceu em Wrington, Somerset, em 1632 e morreu em Oates no ano de 1704. Autor do *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), importante tratado filosófico, ele rejeitou as idéias inatas como fundamento do conhecimento humano e afirmou que a experiência é a fonte de todo o nosso saber. Amigo do estadista inglês Conde de Shaftesbury, mostrou-se, em política, adepto dos limites do poder do monarca. Viveu alguns anos na França e ficou outro tempo exilado na Holanda. Voltou a seu país depois da subida ao trono de Guilherme de Orange. Além da obra citada, escreveu um tratado sobre educação intitulado *Pensamentos sobre a educação*. Sua principal obra política foi *Dois Tratados sobre o governo civil*. Locke, assim como Thomas

conhecer era a forma como os homens deviam se conduzir na existência. A meditação de Locke significou um verdadeiro avanço no entendimento da problemática. Mais tarde, a fenomenologia levou adiante a proposta empirista e esclareceu que as raízes do conhecimento não são cognitivas, mas anteriores ao ato de pensar, isto é, pré-teóricas.

A abordagem fenomenológica abriu possibilidades inovadoras para tratar o problema do conhecimento, mas Husserl, o criador do método, não percebeu que sem tratar a base pré-teórica mencionada por Locke, a proposta de fundar a radicalidade do pensar ficava sem sustentação, flutuava no vácuo. Foi objetivo de Ortega justamente investigar a radicalidade do pensar subordinando-a a aspectos pré-rationais que procuraremos esclarecer neste capítulo. Não devemos pensar que isso signifique um menosprezo para com a razão, veremos que não é esse o caso. O que ele pretendeu foi subordinar o pensamento à vida, questão marcante de sua meditação sobre o conhecimento humano.

### A crise do pensar

Pensar é atividade de fundamentar o conhecimento, explicar as condições em que ele se dá. Desde a Antiga Grécia, essa atividade teve importância nas sociedades que formaram a cultura ocidental. A reflexão se orientava para esclarecer o papel ativo do pensar e revelava um problema, o exercício do pensar pode não realizar a vocação do homem, pode levá-lo a afogar-se nos seus interesses íntimos. Eis como o filósofo apresenta os riscos inerentes ao pensar:

Mas quando o homem se encontra só, descobre que sua inteligência começa a funcionar para ele, a serviço de sua vida solitária, que é uma vida sem interesses extremos, porém carregada até a borda, com risco de naufrágio, com interesses íntimos. (ORTEGA Y GASSET, 1994a, v. 5, p. 518).

O problema apresentado não brota, pois, da mudança de perspectiva instaurada pela mentalidade moderna. A subjetividade pensante não produz o desprestígio da investigação intelectual, não leva o homem a afastar-se dela. A meditação orteguiana não é racionalista, é fato, mas suas críticas ao racionalismo não são elaboradas de uma ótica irracional. Ao contrário, o combate ao racionalismo se sustenta na identificação dos seus limites, o rechaço ao racionalismo não tira a razão do eixo da vida, não lhe desmerece. Isso significa que se o homem não se define pela razão, conforme a metafísica tradicional supunha, não é um ente que viva à parte dela.

Não se sabe bem porque, mas em certos momentos da história os intelectuais não dizem coisas novas, não conseguem criar impacto na sociedade. O resultado é

que as diferentes gerações não deixam igual legado e temos tempos de grande criatividade seguidos por outros nem tão criativos. Ortega julga que viveu num tempo desses, onde a criatividade ficara adormecida. Ele gostava de dizer que no seu tempo o pensamento não estava na moda.

O desprestígio do papel do intelectual refletia a falta de espaço ou desprestígio da tarefa de pensar na sociedade em que vivia. O intelectual ficava muito distante da vida do homem comum, denominado de outro pelo filósofo. Entre o intelectual e o outro abriu-se um abismo, e a distância entre eles envergonha o outro porque revela a sua intimidade vazia, esclarece aquilo que ao outro pouco importa. Assim conclui Ortega:

O que pensa, o que sente do mundo, dos outros homens, do passado, do que está passando, do germinante futuro. Agora adverte que fazer isso é uma indecência, que ser intelectual é uma condição que deve ficar oculta, como ser ladrão, como ser espião, como ser prostituta. (ORTEGA Y GASSET, 1994d, v. 5, p. 513).

O homem vive no meio de coisas que parecem estanques, destinadas a ser o que parecem sempre ter sido. O outro não coloca o sentido dessa presença em questão, não a problematiza. O mundo não lhe revela tudo, ele reconhece lacunas em seu saber defeituoso, é verdade, presente os enigmas do universo, identifica a presença de realidades misteriosas, mas nada disso lhe toca realmente. Essas coisas são como questões sem importância para sua vida. Tanto faz cuidar delas ou não. O outro não se incomoda em desvendar o enigma da existência, em explicar o que as coisas são, em esclarecer o que não é claro, em preencher o que é lacunoso.

O século XX não acolheu o intelectual porque ele desenvolve uma atitude diversa da do homem comum. Ele coloca tudo em questão e isso não é bem visto. Podemos contestar que esta atitude singular do intelectual não é comum em tempo algum, pois de algum modo entende-se

que enoje e inquieta o outro este homem que anda sempre por detrás das coisas e que o mesmo não é coisa, senão algo fluido, ignorado, magnético (ORTEGA Y GASSET, 1994d, v. 5, p. 516).

O tempo que mencionamos, contudo, levou esse desagrado a um grau de intensidade muito maior do que o verificado em outras épocas.

Ortega nos dá uma outra explicação para as dificuldades do homem contemporâneo, para o seu desencanto com o pensar. Ele está em crise porque se deu conta de que a vida é uma realidade mutável e insegura. Não que alguma vez tenha deixado de ser assim como é, mas o homem no século XIX julgou-se

---

Hobbes, afirmou que a sociedade humana tivera origem no contrato social. No entanto, ele divergia de Hobbes porque entendia que não havia oposição entre o estado de natureza e o de sociedade. No estado de natureza, afirmou, o homem já tinha certos direitos que a vida em sociedade visava a garantir com maior eficiência. Os homens se reúnem nos estados para proteger os direitos individuais de vida, liberdade, propriedade etc. Locke defendia a possibilidade de o povo legitimamente rebelar-se se o soberano não respeitasse esses direitos naturais. Nos *Tratados sobre o governo civil*, Locke elaborou as bases do liberalismo político moderno, defendendo a tolerância como virtude social importante e a educação como a preparação necessária para a vida associada.

seguro, firme na rota de um progresso inexorável. A descoberta de que tudo não se passava bem dessa forma criou um grande desconforto.

Não escassa porção das angústias que retorcem hoje as almas do Ocidente provêm de que durante a passada centúria – e por acaso pela primeira vez na história, o homem chegou a acreditar-se seguro. (ORTEGA Y GASSET, 1994b, v. 5, p. 306).

A crise do século XX não é do mesmo tipo daquela experimentada no início da modernidade. Ali houve crise em decorrência das mudanças da vida, mas existia confiança no pensamento. A falta de um fundamento para o conhecimento científico pediu explicação e aprofundamento, demandou explorar a radicalidade do pensar. O século que passou perdeu essa expectativa e confiança. Essa é a razão pela qual “a crise atual, disse o filósofo, é mais funda e mais súbita”. (ORTEGA Y GASSET, 1994a, v. 5, p. 519).

Durante a Idade Moderna, a sociedade aprendeu a confiar no resultado das ciências, especialmente das ciências mais exatas denominadas de exemplares: Física, Matemática e Lógica. Outras ciências experimentais logo obtiveram sucesso. O problema é que não se desconfia das várias formas de saber como antes, mas da própria ciência que não representa mais o que representou. O homem contemporâneo não confia nas possibilidades da ciência como o homem moderno confiava. Não que a ciência tenha deixado de ser importante, o homem depende mais dela do que já dependeu, mas o século XX já não acreditava que a ciência resolvesse os problemas do homem como antes se pensava que ela faria. Essa comparação, segundo Ortega, nos ajuda a avaliar porque foi perdida a fé no pensamento. A perda de confiança no pensamento acompanhou o desencanto com os produtos da ciência. A ciência deu muito, mas não aquilo que se acreditava que ela fosse dar, e é a crença que move o homem. A decepção de uma crença tem um efeito muito forte. Como entender o filósofo? Será que a sociedade hodierna deixou de acreditar nos resultados da ciência? Os governos de todo o mundo não gastam muito com a investigação científica e o funcionamento dos institutos de pesquisa? Todos nós não continuamos a consumir os produtos nascidos dessas pesquisas?

Ortega esclarece que a crise se instaura não porque o homem perdeu por completo a fé na ciência. Se assim fosse, estaríamos noutra situação diversa da anterior, mas não em crise. A crise brota quando a confiança em algo não é mais absoluta conforme dissemos anteriormente, mas quando também não se tem por certo o contrário. Em outras palavras, o homem contemporâneo não tem mais a mesma fé na ciência como teve o homem dos tempos modernos, mas não a rejeitou como coisa sem importância. A ciência não nos oferece o que o homem moderno esperava que oferecesse, mas em certo sentido passou a oferecer coisas que ele nem sonhava.

Existe ainda outra razão para a crise, acrescenta o filósofo. A ciência trouxe muita informação, produziu uma gama enorme de conhecimento, e agora nos vemos

perdidos em meio a todos eles. A especialização cada vez mais necessária e exigente torna o homem desvinculado do eixo central da cultura. Ele precisa consumir cada vez mais tempo para manter-se informado sobre sua própria área de especialização, não tem tempo para avaliar criticamente o que estuda, não consegue pensar em outras questões fundamentais de sua vida.

A psicologia, por exemplo, ensinou muitas coisas novas e importantes, inclusive detalhou os mecanismos do pensamento. Aprendemos as diferenças entre perceber, comparar, julgar, generalizar, discriminar e inferir. Todas essas funções da inteligência foram muito bem descritas, mas não podemos identificar pensamento e essas atividades psíquicas. Com a lógica deu-se o mesmo. Ela explorou as características do pensamento, ser idêntico, evitar contradições e excluir alternativas entre o verdadeiro e o falso. No entanto, as regras e ritmos do pensamento não esclarecem o que ele é, como os mecanismos do pensamento revelados pela Psicologia não o fizeram.

As ciências levaram à crise do pensar, mas foram as crenças em torno do conhecimento que produziram um resultado desastroso para a sociedade. O homem sempre investigou o que ele e o mundo eram. As dúvidas o impulsionaram a sempre buscar novas e melhores explicações. Na Antiga Grécia, essa investigação levou à conclusão que ser era o que se escondia sob a aparente mudança observada pelos sentidos. Além disso, admitiu-se a possibilidade do pensamento de apreender tal realidade. A filosofia chegou às seguintes conclusões:

Conhecer é averiguação do ser das coisas, nesta significação rigorosa de figura estável e fixa. A outra implicação, sem a qual ocupar-se em conhecer seria absurdo, é a crença em que esse ser das coisas possui uma consistência afim com a capacidade humana que chamamos inteligência. (ORTEGA Y GASSET, 1994a, v. 5, p. 531).

### As crenças estão na base do conhecimento

Estas duas conclusões, a de que o ser das coisas é estável e que tem afinidade com a capacidade humana de apreendê-lo, formam o eixo de sustentação daquilo que Kant denominara perspectiva transcendente. Em que consiste essa perspectiva filosófica? Em pensar o ser como realidade fixa que o pensamento apreende sob a aparente mutabilidade das coisas. A perspectiva transcendente sustenta essa forma de ver o mundo. Ortega olha para essa perspectiva e conclui que ela é uma crença. Antes de encontrar argumentos para explicar o que as coisas eram, observa, o grego já cultivava a crença que lhes dizia haver um ser latente sob a aparência confusa apreendida pelos sentidos. A crença desempenha, para o filósofo, um importante papel no processo do conhecimento. A adesão a essa crença nada tem de racional, mas resulta e justifica uma certa maneira de ver o mundo. Eis como a apresenta:

Toda filosofia deliberada e expressa se move no âmbito de uma pré-filosofia ou convicção que cai muda de puro ser para o indivíduo, a realidade mesma. Só

depois de elucidar essa pré-filosofia, quer dizer, esta crença radical e irracional, resultam claras as limitações das filosofias formuladas. (ORTEGA Y GASSET, 1994a, v. 5, p. 534).

A descoberta de perspectivas diversas sob os sistemas construídos é algo que remonta à meditação de Kant, havendo Johann Gottlieb Fichte (1762-1814)<sup>2</sup> se dado conta de que o homem escolhia livremente a perspectiva sobre a qual iria conceber o seu sistema. O neokantismo destacou a importância dessa descoberta e o filósofo brasileiro Antônio Paim escreveu páginas maravilhosas sobre as várias formas de criação filosófica, distinguindo as perspectivas dos sistemas. Eis o que disse:

A filosofia desenvolve-se em três planos, o das perspectivas, o dos sistemas e o dos problemas. As perspectivas correspondem ao ponto de vista último e são às vezes confundidas com os sistemas. Contudo, distingui-los corresponde a uma questão essencial. As perspectivas antecedem os sistemas e a eles sobrevivem. Enquanto os sistemas são transitórios, nas perspectivas reside o que há de perene e inelutável na filosofia. E quanto aos problemas constituem o elemento animador da história da filosofia. (PAIM, 1997, p. 23).

Essa distinção elaborada por Paim incorpora a herança neokantiana, mas ganha graça e elegância a partir da meditação de Ortega. O filósofo inovou o modo de tratar a liberdade de escolha da perspectiva, nomeando-a de crença. Para ele, a crença dos gregos na existência de uma realidade subjacente aos fenômenos é o que explica entenderem a verdade como *a-lethéia*, isto é, descobrimento, desvelamento, retirada do véu que oculta aquilo que verdadeiramente importa. O sentido de verdade existente entre os gregos não foi o mesmo em outras partes do mundo, isto é, entre outros povos. Entre os hebreus, por exemplo, a verdade não é o que jaz oculto dos sentidos, mas a vontade de Deus. Os judeus acreditavam em coisa distinta dos gregos. Para eles, o mundo vive em transformação pela força criadora e permanente de Javé. Conhecer é anunciar a vontade de Deus que move as coisas com sua ação perpétua. Os profetas quando se referiam ao mundo falavam em nome de Javé, anunciavam os seus planos para a história e para todo o restante de sua criação.

As crenças não povoaram apenas a vida de gregos e judeus. Elas representam, para Ortega, o componente pré-racional que preenche a vida humana em todos os tempos. Não há existência que não se sustente em crenças. Assim, não é a racionalidade que especifica a presença humana no mundo, o que é já uma crença, mas aquelas coisas nas quais o homem acredita. São as crenças que estão na base de nossa compreensão racional do mundo, observa o filósofo:

As crenças constituem a base de nossa vida, o terreno sobre o qual ela acontece. Porque elas nos põem

diante do que para nós é a realidade mesma. Toda nossa conduta, inclusive intelectual, depende de qual seja o sistema de nossas crenças autênticas. Nelas vivemos, nos movemos e somos. (ORTEGA Y GASSET, 1994c, v. 5, p. 387).

As crenças seriam idéias? Não pensamos naquilo que acreditamos? Ortega julga necessário estabelecer entre elas uma diferença. Ao propor que as crenças nos colocam diante da realidade mesma, ele quer dizer que admitimos certas circunstâncias sem nelas pensarmos. Estamos tão seguros que certas coisas se passam de certa forma que não nos damos ao trabalho de explicá-las. Nelas nos movemos e construímos nossa vida. O que entendemos ser a realidade é fruto dessa crença.

A vida humana comporta, em contrapartida, muitas dúvidas. Nós não apenas vivemos seguros de que o mundo permanecerá segundo nossas crenças. Há coisas e situações onde essa certeza não está presente, “nos encontramos em dúvida de se são ou não e de que se são assim ou de outro modo”. (ORTEGA Y GASSET, 1994c, v. 5, p. 379). As dúvidas não nascem como as crenças. As crenças são herdadas, entramos nelas sem sabermos, mas as mudanças na existência acabam, de algum modo, por transformar crenças de gerações passadas em algo em que não se confia. A dúvida instaura a desconfiança e está na base do que conhecemos. As dúvidas impulsionam e movem o homem a conhecer como as coisas são. Eis aí como nascem as idéias, elas vem quando as crenças se tornam problemas. Essa conclusão orteguiana é muito fecunda, sugere que está nos problemas o elemento dinâmico da filosofia. Os problemas são elementos do mundo interno do homem. Diante das dúvidas explicamos o mundo e o fazemos mediante idéias. As idéias são, pois, o produto do mundo interior, o meio que usamos para explicar porque as coisas são como são. A realidade, tudo o que nos rodeia, é produto de uma crença ou de uma perspectiva singular no dizer de culturalistas como o mencionado Antônio Paim. Ela deriva das certezas que desenvolvemos a partir de nossas idéias.

## O Conhecimento é Temporal

O papel das crenças no conhecimento revela uma característica do pensar. A crença, enquanto perspectiva, significa o elemento permanente na filosofia. No entanto, o conhecimento possui também uma dimensão temporal, tem um vínculo inquebrável com o tempo, cada crença representa a forma de pensar de um tempo, o que na formulação orteguiana se exprime pelo reconhecimento de que a razão é histórica. Eis como incorporou esse aspecto do legado hegeliano:

Isto significa, nem mais, nem menos, no reconhecimento de que todo conceito com pretensões de representar alguma realidade humana leva inclusa uma data, ou o que é igual, toda noção referente à vida

<sup>2</sup> Johann Gottlieb Fichte, filósofo alemão, nasceu em Rammenau, Saxônia, em 1762 e morreu em Berlim no ano de 1814. Seu sistema, desenvolvido a partir das idéias de Kant, evoluiu em direção ao idealismo de caráter ético, em que o eu é a única realidade. Seus principais trabalhos são: *A missão do douto* (1792), *A doutrina da ciência* (1794), *Primeira e Segunda introdução à doutrina da ciência* (1797), *Sistema moral* (1798), *Estado mercantil e fechado* (1800) e *A missão do homem* (1800).

especificamente humana é função de um tempo histórico. (ORTEGA Y GASSET, 1994c, v. 5, p. 540).

Se o conhecimento da realidade foi se modificando conforme se alteravam as crenças, estamos diante do fato de que o homem muda. A história pode ensinar muitas coisas de uma geração para outra, ela registra as mudanças das sociedades. Se queremos entender o que é o pensamento, temos que substituir conceitos fixos por outros mutáveis, aprender que o pensamento é incessante marcha. Ortega consagra, assim, a descoberta hegeliana de que a razão é histórica, sem se valer, como Hegel, de uma subjetividade absoluta. Ao mesmo tempo alicerça o saber de cada tempo em uma realidade pré-racional, nas crenças vividas, ou na vida em movimento, como formulou Husserl. Ao fazê-lo, entende completar o que o método fenomenológico iniciou, mas não completou.

### As Interpretações da Realidade

A realidade é uma crença que herdamos. O que chamamos de realidade é uma interpretação elaborada pelo homem e sua origem foi em algum tempo uma idéia. Em um certo tempo um homem solitário meditou e elaborou uma explicação para a existência da vida e das coisas. Ao longo da história, encontramos diferentes formas de explicar o que a realidade é.

As crenças dão origem a vários sistemas filosóficos, mas também alimentam a ciência, a filosofia, a poesia e a religião. As crenças estão na base da obra que os cientistas, religiosos, poetas e filósofos indistintamente edificam. A criação humana, independente da forma em que venha a ocorrer, possui um caráter imaginário, nasce de uma crença. Não existe então diferença entre elas? Não foi isso o que quis dizer o filósofo. A diferença entre elas está no propósito para a qual são elaboradas. É o propósito diverso que explica o produto diferente, afirma:

O homem imagina uma certa figura ou modo de ser da realidade. Supõe que é tal qual, inventa o mundo ou um pedaço dele. Nem mais nem menos que um romancista pelo que respeita o caráter imaginário de sua criação. A diferença está no propósito com que a cria. Um plano tipográfico não é mais nem menos fantástico que a paisagem de um pintor. Porém, o pintor não pintou sua paisagem para que lhe sirva de guia em

sua viagem pela comarca, e o plano foi feito com esta finalidade. (ORTEGA Y GASSET, 1994c, v. 5, p. 404).

As diferentes idéias que sustentam nossa visão do real não se opõem efetivamente a ele. Vimos que o mundo interior das idéias é fruto das dúvidas e também que todos os planos se opõem ao que percebemos ser a realidade mesma. É também fato que os planos atentem a finalidades diversas como enfeitar um apartamento ou servir de instrumento de orientação pelo espaço. A pergunta que emerge diante dessas afirmações é: por que o homem faz todas essas criações? O filósofo entende que é porque o homem não vive bem quando está afundado em dúvidas. Assim, se em um momento qualquer da história a certeza se dissipou e deu origem a dúvidas, a situação criada demanda uma explicação nova. A filosofia e a ciência são praticadas para atender a essa finalidade. É verdade que a segunda é mais voltada para a descrição dos mecanismos da natureza e a primeira mais ocupada com a questão do fundamento. Para Ortega, o mesmo ocorre com as outras formas de criação humana, como a poesia e a religião. Elas possuem esse aspecto em comum, estão sustentadas por uma crença, em que pese a diferença de finalidade com que são elaboradas.

Cervantes (1547-1616)<sup>3</sup> e Shakespeare (1564-1616)<sup>4</sup> nos dão uma idéia do mundo como Aristóteles ou Newton. E a religião não é coisa que não tenha que ver com o universo (ORTEGA Y GASSET, 1994c, v. 5, p. 408).

A diversidade de objetivos inerentes à vida revela que o filósofo entende que o homem é simultaneamente filósofo e cientista, poeta e religioso. Tudo isso faz parte da vida. Se em algum momento da história alguma dessas formas se destacou, isso não significa que ele tenha deixado de viver sem as outras formas de explicação. Também não lhe parece possível estabelecer uma prevalência histórica entre elas como sugeriu a filosofia positivista. A maior ênfase ou clareza dada a uma das formas de criação serve para alimentar as outras no momento seguinte.

### Considerações Finais

A filosofia antiga colocara o problema do fundamento, questão central da teoria do conhecimento, na existência

<sup>3</sup> Miguel de Cervantes é um dos maiores nomes da literatura espanhola e europeia. Nasceu em Alcalá de Henares no ano de 1547 e morreu em Madri em 1616. Teve uma vida extremamente conturbada. Participou da batalha de Lepanto, onde se feriu na mão esquerda, passou cinco anos prisioneiro dos turcos e, mais tarde, foi preso na Espanha por dívidas. Morreu pobre e abandonado, incompreendido pelos homens de seu tempo e traído pela mulher. Sua obra prima: *As aventuras de Dom Quixote de la Mancha* é uma novela de cavalaria e crítica os hábitos da Idade Média. Além dela, cultivou outros gêneros literários comuns daquele período: novela pastoril, *A Galatéia*; e novelas exemplares, *Os trabalhos de Persílio* e *Sigismunda*.

<sup>4</sup> William Shakespeare, dramaturgo e poeta inglês, nasceu e morreu em Stratford on Avon, respectivamente nos anos de 1564 e 1616. Casou-se cedo, aos dezenove anos, mas abandonou o lar para se dedicar ao teatro. Representou vários papéis em Londres até adquirir o *Globe Theatre*, onde representava e escrevia peças. Sua obra é composta de novelas dramáticas, peças históricas e comédias. Segundo seus biógrafos, seus trabalhos podem ser agrupados em três períodos. O primeiro é o da juventude (1590-1600), onde escreveu: *Henrique VI*, *Ricardo III*, *A megera domada*, *Romeu e Julieta* (1594-1595), *Sonho de uma noite de verão*, *O mercador de Veneza*, *As alegres comadres de Windsor* e *A noite de Reis*. O segundo período foi marcado por decepções políticas e se estende até 1608, onde escreveu: *Hamlet* (1600), *Otelo* e *Macbeth* (1605), *Rei Lear*, *Antônio e Cleópatra* e *Coriolano*. Depois de 1608 viveu um período de relativa calma e paz espiritual. Suas obras desse terceiro período, que se estende até sua morte em 1616, são: *Cimbelina*, *A tempestade* e *Henrique VIII* (1612).

de essências perfeitas presentes sob os fenômenos e responsáveis por um mundo harmonioso, eterno e perfeito. Esse mundo de essências imutáveis era estável e seguro, capaz de afiançar, através do raciocínio dialético, a existência de uma ordem racional.

Os sistemas elaborados por Platão e Aristóteles, representativos do modo clássico de pensar, fizeram o problema do conhecimento derivar da teoria do ser. O mundo das idéias de Platão ou das formas substanciais de Aristóteles se deixava capturar pela inteligência. Essa também era uma crença dos gregos, conforme vimos neste capítulo. O mundo das idéias de Platão ou das formas substanciais de Aristóteles se deixava capturar pela inteligência. O ser, segundo Aristóteles, se manifestava de muitos modos, mas guardava no íntimo uma estrutura substancial que podia ser descoberta e posta à mostra, isto é, podia ser revelada ou desvelada pela meditação. Os sistemas de filosofia, formulados por esses dois pensadores, tratava a realidade como constituída de coisas, objetos reais, capazes de serem apreendidos pela inteligência. A teoria do conhecimento embutida nesses sistemas sugere que o pensamento capta as essências ou, como mais tarde se disse, se ajusta às coisas.

A filosofia clássica explicara o conhecimento pela decodificação das essências ou idéias, ou melhor, das substâncias presentes nas coisas mesmas. Foi o caminho que Descartes procurou evitar com observações críticas sobre as explicações formuladas pela antiga metafísica. O produto do pensamento era um conjunto de contradições. A filosofia moderna passou a justificar a validade do pensamento não na harmonia de essências perfeitas, mas no próprio pensamento, na consciência subjetiva.

A alteração na forma de tratar o problema do fundamento é que deu origem a novas questões de que se ocuparam os filósofos modernos. A mudança explica a preocupação de Descartes com o estabelecimento de um método de pensar capaz de garantir a verdade, uma vez que ela já não podia ser extraída das coisas. O filósofo moderno procurou investigar não tanto o que existe, mas a forma, o modo de alcançar a realidade. É o que esclarece o desejo de Descartes de elaborar um método capaz de garantir o conhecimento de forma absoluta. Descartes inicia a investigação daquilo que viria a ser o tema de investigação dos outros pensadores, a descoberta do ponto de partida que validasse todos os conhecimentos. Acabaria por colocá-lo no pensamento.

O homem vive no meio de dúvidas e se não conseguir justificar a realidade cairá no ceticismo. Concluirá que não há como ter certezas do que existe ou desconhe-

cerá conhecimentos certos. Foi para evitar o ceticismo que Descartes centrou no pensamento as condições do conhecimento. O próprio pensamento é responsável por estabelecer uma ponte até as coisas, afiançando o conhecimento. Posso duvidar de tudo, menos de que penso, observou Descartes, e essa é a base para todo o restante. O pensamento é ato e objeto do pensar. O que Descartes não observou é que cada pensamento se relaciona com algo que se pensa e que não pode se separar dele. Foi o que fez a fenomenologia e que representou um avanço considerável na avaliação de Ortega. As suas considerações sobre o conhecimento procuraram tratar o problema de uma forma ainda mais radical, tendo por base a experiência vivida como crença. Essa forma de propor a questão tinha para o filósofo a vantagem de superar o antagonismo entre a perspectiva antiga ou clássica e a moderna. Assim, sua meditação sobre o conhecimento esclarece que o pensamento não se efetiva sem as coisas, nem depende delas. Ortega irá nos ensinar a distinguir as perspectivas filosóficas em decorrência das crenças em que se sustentam. A vida fornece crenças onde o homem se move, ela coloca problemas que o obrigam a pensar e encontrar novas explicações.

A solução epistemológica proposta por Ortega, a distinção entre idéias e crenças, significou importante contribuição para o pensamento filosófico contemporâneo. Ela esclarece: a vida pensada como existência concreta e o aspecto pré-lógico presente no pensar, a forma como o homem se insere na herança cultural que recebe e o modo como essa herança cultural forma um *a priori* do qual ele se serve para viver e resolver os problemas que o dia-a-dia lhe impõe.

## Referências

ORTEGA Y GASSET, José. Apuntes sobre el pensamiento. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 2. ed. Madri: Alianza, 1994a. v. 5, p. 517-559.

\_\_\_\_\_. Ensimismamento y alteración. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 2. ed. Madri: Alianza, 1994b. v. 5, p. 517-559.

\_\_\_\_\_. Ideas y creencias. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 2. ed. Madri: Alianza, 1994c. v. 5, p. 517-559.

\_\_\_\_\_. El intelectual y el outro. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 2. ed. Madri: Alianza, 1994d. v. 5, p. 508-516.

PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5. ed. Londrina: Ed. UEL, 1997.